

INDIVÍDUO E GLOBALIZAÇÃO

CARLOS MATHEUS

Abstract: Having as point of depart the philosophical notion of “world”, we try to grasp the evolution of its dimensions along modern and contemporary history, in order to demonstrate its growing amplification in face to the loss of the immediacy of reality and to the amplification of the intermediary processes. This has been generating a strong densification of the capacity of information assimilation and, consequently, a tearing-apart of the bonds between individual and universal ethics.

1. CINCO SÉCULOS DE GLOBALIZAÇÃO

O atual conceito de *globalização* resulta de um processo histórico pelo qual a humanidade tomou consciência do planeta em que habita. Foi um longo processo de consolidação de um novo vínculo espacial decorrente da expansão tecnológica da cultura ocidental sobre todo o globo terrestre. A globalização já tem uma duração de aproximadamente quinhentos anos e pouco se pode supor que tenha havido outro processo semelhante, durante os vários milênios que já teriam sido percorridos pela humanidade no atual sistema solar.

Apesar de antiga, essa atual noção de globalização vem sendo referida apenas às conseqüências dessa expansão tecnológica do capitalismo ocidental na última década, como se nada tivesse ocorrido antes para que tal ocupação acontecesse.

Além disso, tem sido apresentada como um imperativo histórico inexorável, ao qual todos os indivíduos do mundo atual devem se submeter por estarem a isso irremediavelmente atrelados. Algo contra o que o indivíduo não pode lutar. Algo *necessário* no sentido da antiga noção grega de “*ananke*” ou “destino”. Quando os atuais meios de comunicação se referem ao mundo “globalizado”, lembram o coro das antigas tragédias gregas apontando as forças a serem obedecidas por terem o poder de determinar a natureza da vida e o momento da morte.

Carlos Eduardo Matheus é professor de Filosofia na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil.

Este longo processo de apropriação do Planeta representa, para a civilização ocidental, o resultado de uma lenta ocupação territorial durante a qual este mundo foi mapeado, registrado, explorado, investigado e transformado, tanto em fonte de novos conhecimentos, quanto como campo de expansão para a vida humana. Seu começo, dentro do contexto histórico atual, ocorreu no período das navegações. Pelos mares, todas as terras existentes passaram a ser habitadas ou, pelo menos, delimitadas e apropriadas por povos que nelas construíram suas respectivas individualidades nacionais.

Essa apropriação do espaço terrestre foi possível graças ao desenvolvimento científico e tecnológico, tendo sido este o fator determinante da ocidentalização de todas as culturas remanescentes. No início do século XX, Wendel Wilkie já falava em “um mundo só”, e já se criava a “Sociedade das Nações”, que foi sucedida pela Organização das Nações Unidas, porque o mundo já estava sendo um grande conglomerado de **nacionalidades**.

Em relação ao “mundo medieval”, ou ao “mundo greco-romano” ou ainda ao mundo em que viveram, na antigüidade, os chineses, os egípcios ou os judeus, este mundo atual foi adquirindo, nestes últimos cinco séculos, dimensões inteiramente novas: as dimensões ilimitadas de um universo no qual a noção de planeta só pode ser explicada por uma racionalidade oriunda dos novos conhecimentos científicos.

2. CINCO DIMENSÕES DO ESPAÇO

Ao final destes cinco séculos de globalização, o mundo foi adquirindo múltiplas dimensões e alterando as relações da vida humana com o espaço. Desde a antigüidade, se deu à noção de mundo o significado de espaço **vital** que equivale aos limites físicos que separam cada indivíduo de sua relação com as coisas ao alcance de seus sentidos. Surgiu a seguir a segunda dimensão: o espaço **social** é constituído pelos limites do grupo humano com que cada indivíduo se relaciona. A expansão da vida social criou a terceira dimensão da relação do ser humano com o mundo: o seu espaço **territorial** constituído pela área geográfica que o indivíduo pode percorrer e se comunicar. A História da Humanidade criou ainda uma quarta dimensão de espaço: o espaço **cultural** representado pelos limites de suas referências históricas com a produção humana sobre o mundo físico.

A essas quatro dimensões do espaço, a tecnologia ocidental acrescentou ainda uma quinta dimensão: o espaço **virtual**, constituído pelos objetos situados além do plano sensorial que são apreendidos pelos meios de

comunicação, desde a criação da imprensa até os atuais meios eletrônicos e instantâneos.

O espaço vital pode ser considerado o modo inicial de instauração da relação homem-mundo. É o espaço de que cada ser humano necessita para aderir à vida. É o primeiro objeto que se lhe apresenta para saber que está-no-mundo. É a morada em que reside para entrar em contato direto com as coisas, a fim de assegurar sua própria sobrevivência pessoal. É o primeiro espaço conquistado pelo ser humano, tanto em sua existência individual como na evolução humana. Para o homem das cavernas, a caverna foi seu espaço vital.

O espaço social supõe a integração do indivíduo ao grupo social, como forma de intercâmbio para ampliar suas formas de subsistência. É o espaço gerado pelas relações de trabalho, lazer, convivência, procriação e proteção mútua. Pode ser representado pela atividade produtiva, pelo convívio social ou até mesmo pela integração do indivíduo em um grupo de atividade social ou política. Neste sentido, o mundo se dá pela relação com outro.

O espaço territorial leva o indivíduo às fronteiras de sua nacionalidade, e já passa a atribuir um caráter simbólico à sua relação com o mundo. Sua referência efetiva é a língua. Enquanto o indivíduo pode se comunicar dentro de seu universo verbal, está dentro de seu território. Aqui, o “eu” torna-se “nós”. Por este motivo, o espaço territorial pode ser identificado com o território humano da nacionalidade.

A quarta dimensão do espaço humano também tem um caráter simbólico e pode ser identificada com os componentes culturais da individualidade, ou seja, tudo quanto sua vinculação histórica a uma determinada forma de cultura passa a constituir um substrato integrante de seu modo de ser. Fazem parte do mundo da cultura não apenas a língua, mas também todas as formas de organização e de integração social acumuladas historicamente, a ponto de produzir uma relação estável do indivíduo com o seu meio.

Por fim, há o espaço virtual, que veio dar ao mundo dimensões infinitas por decorrência do ingresso do olhar humano no plano do que antes era invisível. É o mundo que passou a ser visto pelos olhos dos cientistas e que passou a ser movido pelas técnicas de observação e de comunicação. É o espaço alcançado pelo telescópio, pelo microscópio, pela imprensa, pela televisão e pela informática. O espaço virtual coloca o indivíduo diante de uma realidade de dimensões ilimitadas. Pode abranger todo o globo terrestre, mas também já está alcançando as distâncias cósmicas de onde as novas máquinas espaciais permitem ao ser humano ver o que antes era invisível no universo.

3. GLOBALIZAÇÃO COMO RESTRIÇÃO DO ESPAÇO

Entre essas cinco dimensões do espaço, há uma diferença quanto à proximidade e à acessibilidade para o indivíduo: o espaço vital é aquele em que o ser humano mais pode exteriorizar-se, isto é, reproduzir seu trabalho e seu poder criador; e o espaço virtual, inversamente, é aquele que se coloca num plano o mais distante e mais inacessível.

A relação do ser humano com o mundo é essencialmente feita por meio do espaço vital. É constituído pelos objetos por meio dos quais a ação humana se exterioriza. Também o espaço social é indispensável para a vida humana por decorrência do caráter político da natureza humana.

São justamente estas duas dimensões da relação do ser humano com o mundo que mais são atingidas pela globalização. Os objetos do espaço vital deixaram de ser os criados pelo indivíduo que vai perdendo o seu caráter de produtor e vai se tornando consumidor. O espaço social deixa de ser o ambiente protetor no qual o indivíduo encontra no outro sua identidade por oposição e semelhança. O indivíduo vai sendo convertido em receptor de objetos virtuais (trazidos pelo jornal, pelo televisor, pelo cinema), que passam a habitar seu mundo imaginário.

Também o espaço territorial vem sendo corroído na atual globalização. Os limites das nacionalidades estão sendo suprimidos. As línguas nacionais passam a coexistir com a língua internacionalizada, e as referências locais passam a ser substituídas pelas interferências externas. O mesmo vem ocorrendo com a pluralidade cultural, em crescente unificação.

O espaço virtual já se expandiu de tal modo que invadiu o mundo cultural de todos os povos, colocando-os nos caminhos de uma padronização passiva, que vai fazendo desaparecer o limite entre o mundo real e o mundo virtual. Cada vez menos os indivíduos sabem distinguir entre o visível de seu mundo real e a realidade virtual criada pelos meios de comunicação.

A globalização, por ser antes de tudo uma alteração da relação entre produção e consumo, reduz a importância do trabalho individual ao tornar mais compensador possuir capital do que ter capacidade para trabalhar. O indivíduo é estimulado a consumir acima do que necessita, mas o que produz não é suficientemente recompensado para alcançar o que lhe é oferecido. O aumento do desemprego é apenas uma das conseqüências da sua indiferença pelo trabalho humano. Os laços protetores da sociedade se reduzem, e o indivíduo fica isolado ou contra os demais ao ter que buscar os meios para produzir e sobreviver.

No atual processo de globalização, o indivíduo vai sendo abandonado pelo grupo social. Perde-se a capacidade de agir coletivamente. As instituições perdem credibilidade e capacidade de mobilização. Grandes massas de indivíduos isolados em seus espaços vitais são crescentemente manipulados pela atração dos objetos virtuais.

E o que ocorre com o espaço territorial e com o espaço cultural? Também passam a ser invadidos pelo mundo dos objetos virtuais. O sentimento de nacionalidade deixa de ser um elemento integrador do caráter social do indivíduo. Tudo que é nacional perde importância em nome da atratividade do mundo tecnológico de importação. Aquilo que, na economia, passa a ser um imperativo de adesão a uma política de importação, corresponde à supressão do territorial pelo alienígena, ou de substituição do trabalho local pelo consumo do que foi gerado fora. É a substituição do local pelo exterior, ou do vital pelo virtual.

Todo esse processo não é recente. Vem crescendo continuamente nas últimas décadas. Passou a ser designado como “global” apenas em consequência da falta de obstáculo à expansão dos interesses das minorias capitalistas.

No final do Século XX, a globalização ingressou em uma nova etapa, como resultado do desaparecimento das formas antagônicas em que vinha se desenvolvendo – a alternativa socialista contra a alternativa capitalista. Ambas já vinham se constituindo em modalidades complementares do mesmo processo de globalização, por serem ambas geradas por duas vertentes antagônicas de uma mesma raiz – mundo científico e tecnológico da cultura ocidental.

Antes dessa ruptura entre o capitalismo e o socialismo, a globalização já passara pelo menos por duas etapas nitidamente distintas: a fase de colonização do globo terrestre e a fase da formação das nacionalidades. A fase atual pode ser considerada a etapa final de um processo unificador, por meio do qual a diversidade humana tende a ser substituída por uma intensa padronização.

4. INTENSIDADE E EXPANSÃO

Este secular processo de globalização vem apresentando, em sua fase atual, duas características básicas: a aceleração do processo tecnológico, exigindo do indivíduo uma participação cada vez mais intensa nas transformações daí decorrentes, e a expansão do próprio processo tecnológico aos pontos mais extremos do globo terrestre. O tempo na atual fase

de globalização vem se tornando cada vez mais acelerado, enquanto sua ocupação espacial se expande continuamente. Globalização acarreta, pois, intensidade e expansão, por meio da multiplicação do tempo e da diversificação do espaço.

A intensidade pressiona a vida humana a tornar-se mais rápida, como se a aceleração significasse aumento de vitalidade, sem que de fato essa pressa em viver consiga produzir maior qualidade de vida. A expansão tecnológica gera a substituição de hábitos, cercando o espaço vital de objetos descartáveis sobre os quais o indivíduo já não cria vínculos nem lhe deixa experiências memoráveis.

No atual processo de globalização, há um crescente esvaziamento das vivências interiores e um acelerado congestionamento na memória individual de elementos alheios às escolhas pessoais. A tecnologia se impõe e não deixa ao indivíduo a liberdade de escolha. Rejeitá-la é rejeitar a convivência, embora adotá-la não signifique conviver melhor. A corrida tecnológica acelera a competição entre os indivíduos e reduz os laços de solidariedade.

O atual processo de globalização assume características de um determinismo que se instaura entre os indivíduos isolando-os, tornando-os individualistas e mais solitários. Aquecendo seus interesses pessoais, isola-os de seu espaço social e de seus vínculos territoriais.

A globalização, em seu atual estágio, não traz a igualdade e sim acelera as desigualdades. Mantém e acentua a divisão dos indivíduos em classes. Já não mais se trata de classes conscientes de seu caráter associativo, de vez que seus integrantes não se integram e sim permanecem isolados entre si. Na fase atual de globalização, as classes dominantes passam a ser constituídas pelos “incluídos” e os novos proletários se tornaram os novos “excluídos”.

Nesta sua atual fase, a globalização produz o enfraquecimento dos Estados nacionais, tanto pela perda de sua capacidade de impedir a invasão externa, como também pela perda da confiança da população em seu papel protetor.

A atual fase de globalização está gerando novas formas de oposição. Já não há confronto entre Oriente e Ocidente, nem entre capitalismo e socialismo. Nem mesmo entre ricos e pobres. A verdadeira oposição passou a ser entre “excluídos” e “incluídos”. Estar incluído significa ter acesso a todas as dimensões do espaço global e estar excluído é permanecer restrito aos limites do espaço vital.

5. A RUPTURA ENTRE A ÉTICA E A MORAL

Nestes cinco séculos de globalização, não houve apenas uma aceleração do processo tecnológico. Houve também uma aceleração do distanciamento entre a Ética e a Moral.

O princípio de que os bens devem ser distribuídos “a cada um segundo sua capacidade” pode ser considerado eticamente correto e vem sendo rigorosamente aplicado pela Moral do atual mundo globalizado. Já o seu complemento – “a cada um segundo suas necessidades” – permanece eticamente correto, mas não vem sendo adotado pela moral globalizada. Como conciliar a Moral cumulativa, altamente incentivada pelo neoliberalismo inspirador do atual processo globalizante, com a Ética distributiva que este mesmo processo provocou? Afinal, durante os últimos cinco séculos, muito se falou e se lutou por uma “justiça social” em sucessivas revoluções políticas que foram transformando, e até mesmo impulsionando, o próprio processo de globalização.

Por mais que possam ser consideradas moralmente justificadas, as práticas cumulativas não se justificam eticamente. Nem tudo o que pode ser justificado pela Moral permanece eticamente justo. Historicamente, as injustiças sempre exigem reparação e o restabelecimento da justiça, ainda que pelas vias mais tortuosas. As injustiças das Monarquias Absolutas determinaram as violências da Revolução Francesa. A História Moderna apresenta uma sucessão de exemplos dessas reversões de injustiças. Um desses exemplos está aqui na América Latina, onde os movimentos políticos que se insurgiram contra as recentes ditaduras militares foram não só absolvidos, mas também investidos na legitimação do poder.

O atual processo de globalização adota um regime de exclusão moralmente aceito, mas eticamente injusto. Dentro da imprevisibilidade dos confrontos com que a História se move, cabe admitir que novas insurgências, possivelmente carregadas de componentes trágicos, venham a surgir no horizonte, para restabelecer as atuais injustiças contra os atuais excluídos.

Como tudo na História, o atual processo de globalização tem caráter irreversível. Não pode ser detido nem pelos “incluídos” nem pelos “excluídos”. Ambos estão atrelados às novas dimensões do espaço, de tal forma que os limites do mundo se tornam tanto mais amplos quanto mais incluído se está. Inversamente, estar excluído supõe sofrer a restrição espacial cujo extremo seria a morte, que é a exclusão total e definitiva.

Também a reação dos “excluídos” pode vir a se tornar irreversível. Suas manifestações isoladas, ora sob a forma pacífica de marchas de protesto, ora sob a forma de violência explosiva, prenunciam novos tempos de conflito e terror. Isso equivale a dizer que a supremacia da ideologia capitalista sobre a utopia socialista não suprime a violência, mas antes a permite e a estimula.

6. PÓS-SOCIALISMO E PÓS-CAPITALISMO

O atual processo de globalização apenas aparentemente sugere a supremacia da ideologia capitalista sobre a utopia socialista. Com efeito, não se pode dizer que o socialismo terminou com o desmoronamento dos regimes socialistas, e nem dizer que tal desmoronamento ocorreu graças ao êxito da ideologia capitalista. Essas duas ideologias, que se mantiveram em oposição durante boa parte do Século XX, tornaram-se tão próximas que se assimilaram reciprocamente.

A nova oposição não está mais no terreno das ideologias, e sim nas novas dimensões espaciais com que os habitantes do globo terrestre terão de se relacionar com este limitado planeta. Duas novas forças emergem do ocaso do capitalismo e do socialismo: as forças controladoras supra-individuais e as forças vitais buscando preservar seu espaço local. Entre o global e o local, instala-se a nova oposição. De agora em diante, viver consistirá em buscar meios de preservar a liberdade face às novas formas de controle do poder global. Este procura impor condutas à existência individual, e o indivíduo tende a lutar por sua autonomia.

Ao indivíduo não cabe opor-se à globalização, mas instaurar seu ser face às forças unificadoras da globalização. Trata-se de fazer-se vivo para impedir que o viver lhe venha de fora. Trata-se de restabelecer o espaço social através do reencontro com as dimensões pessoais do eu face ao outro. Trata-se de fazer renascer as forças da natureza contra os imperativos da mecanização com que o processo de globalização pretende deter a espontaneidade do mundo físico. Trata-se de reabrir o espaço social para dar nova vida à função estatal para fora da instituição do Estado. As chamadas “organizações não-governamentais” passam a ter cada vez mais o importante papel de recriar o espaço social que as instituições estatais perderam a capacidade de representar, reaproximando o global ao que é local.

Trata-se, por fim, de fazer renascer o “eu” face ao “nós”, revitalizando o local face ao global. Trata-se de fazer renascer o espaço vital sem permitir que a intensidade do global suprima a vivência pessoal. Trata-se

de preservar o espaço vital no âmbito local para não submergir diante da invasão do espaço virtual. Trata-se de deter a expansão do que é global para que o que é local permaneça vivo.

Esse novo cenário foi, de algum modo, pressentido por Saint Exupéry na cena em que um vendedor de pílulas contra a sede promete a economia de cinquenta e três minutos por semana. E o escritor coloca na boca de seu conhecido personagem a frase com que o local tentará sempre se opor ao global:

Eu, se tivesse cinquenta e três minutos para gastar, iria caminhando passo a passo, mãos no bolso, na direção de uma fonte.

(Pequeno Príncipe, Capítulo XXII)